

CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA

IVAZAKI, Ana Cláudia Dias (PPGFP – UEPB)¹

CASTRO, Paula Almeida²

Universidade Estadual da Paraíba - anaivazaki@gmail.com.br

Resumo

Esse trabalho objetiva descrever algumas possibilidades pedagógicas das vivências da capoeira na Educação Infantil (EI); da visão do professor de capoeira em relação à maneira pela qual a sua arte é vivenciada no espaço da escola e da interação das crianças durante a aula. Para tanto, usaremos como aporte teórico Mattos e Castro (2011); Freire (1987); Nóvoa (2011); Zagonel (2012) e Silva e Heine (2008), entre outros. O texto descreve a observação realizada durante uma aula de capoeira que foi realizada por um professor desta arte, graduando em Pedagogia, em três turmas de uma creche municipal de Campina Grande-PB. A metodologia aqui utilizada será de natureza qualitativa, privilegiando uma abordagem de cunho etnográfico, que nos permita realizar uma descrição densa. A partir da observação participante e de entrevistas para analisar os dados coletados fazemos, em seguida, as nossas considerações e sugestões. Após as análises realizadas durante o trabalho de campo, e do estudo etnográfico realizado, propomos a construção de uma sequência didática interativa a ser construída com professores de capoeira, professores regentes e crianças, para poder partir das vivências que os alunos já trazem, partindo inicialmente da discussão com as crianças, fazendo uma sondagem do que elas sabem sobre a temática, assim como propor pesquisas e fazer questionamentos que possam nos dar subsídios para assim construirmos juntos o plano de aula/sequência didática.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira, Educação Infantil, Etnografia, Sequência Didática Interativa.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP – UEPB).

²Orientadora. Docente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP – UEPB).

A capoeira na Educação Infantil

O trabalho com a capoeira varia muito de uma instituição para outra. No caso da Educação Infantil, muitas vezes é oferecida como “única opção de atividade física para crianças por se acreditar que a gama de ações motoras presentes na capoeira possibilitam o desenvolvimento integral dos alunos” Silva e Heine (2008). De acordo com a **Base Nacional Comum Curricular** do MEC, a capoeira se aprende através de: **Corporeidade; Sociabilidade; Lealdade ; Respeito aos mais velhos Saber ouvir, observar e aprender; Relação adulto/criança ; Relação criança/criança** (BRASIL, 2014, p. 94-95).

Assim, observamos que a prática da capoeira pode possibilitar o contato com aspectos capazes de contribuir para a formação cidadã das crianças, entre eles a ética, o reconhecimento do próprio corpo, o respeito ao outro e a valorização da própria cultura, desvinculando-se, assim, as culturas africana e afro-brasileira da marginalidade na qual têm sido colocadas ao longo dos séculos no país.

Para descrever as aulas, recorreremos à abordagem etnográfica, de acordo com a qual realizamos observação participante e entrevistas. Sobre estes recursos, Mattos e Castro ressaltam:

A apropriação de recursos etnográficos, tanto pelos usuários dos métodos qualitativos quanto dos métodos quantitativos na área educacional, leva-nos a crer que, nos últimos anos, esta abordagem tem trazido, por um lado, uma contribuição para ampliar as formas de investigação nesta área. Por outro lado, percebe-se que esta ampliação está se dando de forma indiscriminada devido aos abusos na utilização das técnicas etnográficas de pesquisa (MATTOS; CASTRO, 2011, p.40).

Para documentar o papel da capoeira na Educação Infantil podemos, de acordo com as autoras supracitadas, buscar na abordagem etnográfica instrumentos que possibilitem um resultado satisfatório para o tratamento dos dados, a fim de estabelecer vínculos entre o leitor e a experiência relatada.

Chegamos à creche, na posição de professora-pesquisadora, às 07h15min. O professor de capoeira já se fazia presente. Conversamos sobre as turmas que seriam atendidas naquele dia. A gestora se aproximou e nos informou que o horário já estava pronto e nos conduziu para dentro da secretaria, onde o horário estava organizado e afixado no “mural informativo” da sua sala. Constatamos, posteriormente, que o mesmo horário também estava disponível nas salas de aula.

Ao sairmos da sala e voltarmos ao banco onde estávamos sentados anteriormente, perguntamos ao professor de capoeira (PC) ³:

Professora-Pesquisadora (PP) –“Como você qualifica o fato do horário já estar pronto”?

PC – “Você já sente que tem uma receptividade melhor, que eles já estão preparados para receber o trabalho [...] passou essa impressão”.

Tomando a fala do professor como endosso, retomamos o pensamento de Imbernón que entende a escola como “lócus privilegiado da formação docente”. O autor lembra que é importante “desenvolver uma formação permanente em que a metodologia de trabalho e o clima afetivo sejam pilares do trabalho colaborativo” (IMBERNÓN, 2009, p. 60).

Ao analisarmos a fala de PC, observamos que ele se sentiu acolhido pela unidade educacional. Dialogamos, em nossa forma de pensar, com Freire (1987), para quem a amorosidade tem papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Isso pressupõe uma reflexão acerca de situações que têm lugar na escola como, neste caso, a chegada de um novo colaborador à equipe. Para Imbernón, um dos pilares que deveriam fundamentar a metodologia formativa se constitui em:

Aprender de forma colaborativa, dialógica, participativa, isto é, analisar, testar, avaliar e modificar em grupo; propiciar uma aprendizagem de colegialidade participativa e não uma colegialidade artificial (a colegialidade artificial vem amiúde provocada pela obrigação externa de realizar certos trabalhos que demandam um projeto coletivo, mas sem o necessário processo real de colaboração)(IMBERNÓN, 2009, p. 61).

A busca por essa interação revela-se em integrar as atividades realizadas na unidade educacional aos saberes de PC, numa prática profissional marcada pela pluralidade do intercâmbio como uma constante. Nesta perspectiva, o diálogo e a colaboração unem-se para efetuar uma inovação institucional. Isto se observa nos trechos seguintes, quando observamos a presença da gestora em todos os momentos da atividade, dando suporte a PC sempre que se fazia necessário.

Aula de capoeira no Berçário 1 (B1)

Dirigimo-nos a sala do B1(que conta com crianças de 0 a 1 ano de idade), às 08h00minh00min, do dia 03 de agosto de 2016, conduzidos pela gestora. A sala é ampla, dividida em

³ O professor de capoeira será representado no texto, a partir deste ponto, pela sigla PC. A professora-pesquisadora será representada pela sigla PP.

dois espaços por uma cerquinha de madeira colorida. No primeiro espaço, ficam as mesinhas onde as crianças se alimentam; ali também ficam alguns carrinhos de bebê, usados, segundo a gestora, para realizar passeios com as crianças da sala. O segundo espaço é destinado à estimulação. Conta com dois espelhos grandes, tatames de E.V.A. colchões, um cavalinho inflável, rolinhos de espuma coloridos e uma sacola de brinquedos. Algumas crianças ainda se encontravam na mesinha, pois haviam acabado de fazer a primeira refeição do dia. As mamadeiras ainda estavam sobre a mesa, mas a equipe já estava preparada para nos receber, demonstrando que já sabiam que a atividade de capoeira seria desenvolvida naquele dia e horário. A constatação se faz na fala da professora, ao nos receber: – “Bom dia, que bom que estão aqui! Estávamos ansiosos para ter a sua aula aqui, na nossa sala”.

Na sala, junto com sete (07) crianças, quatro meninas e três meninos, com idade entre seis meses e 01 ano de idade, estava a professora “*Bromélia do sertão*”⁴ (51 anos, pedagoga). Ela permaneceu todo o tempo na sala de aula, junto com a gestora, durante os 15 minutos de duração da aula. Esse tempo foi estipulado com base nas experiências das professoras da unidade educacional; é o mesmo em que as crianças do B1 se mantêm em cada atividade, ou seja, a cada 15 minutos, aproximadamente, há uma troca de atividades com as crianças.

Início da aula

PC cumprimenta *Bromélia do Sertão*, que se encontra na sala, e as crianças. Liga o aparelho de som. Foram selecionadas por ele músicas de capoeira da modalidade *Angola*⁵, todas da autoria do Contramestre Barata, de João Pessoa. As crianças são conduzidas ao tatame de E.V.A. existente no espaço de estimulação. PC cumprimenta a todas as crianças novamente, deita no tatame e passa a fazer movimentos de rolamento espontaneamente, sendo observado pelas crianças que se encontram sentadas em volta dele. Aos poucos, algumas começam a dançar, enquanto as demais apenas observam os movimentos. Uma das crianças não quer se distanciar da professora e outra chora. Ela explica: – “É o terceiro dia dela”. A menina de 1 ano e meio encontra-se em período de adaptação e é acalentada por PC e, logo depois, por *Bromélia do Sertão*.

⁴As professoras não serão identificadas, seus nomes serão substituídos por nomes de flores sertanejas.

⁵A Capoeira Angola é uma expressão da tradição afro-brasileira calcada em exercícios de (con)vivência grupal. Sua prática representa a conjugação de diferentes manifestações culturais que incluem a dança, a música, a dramatização, a brincadeira, o jogo e a espiritualidade. Em seu ritual, todos participam e cada um é fundamental e único. Fonte: Grupo Nzinza de Capoeira Angola.

Do saco de brinquedos existente na sala, PC retira duas bolas e continua interagindo com as crianças. Um dos alunos, um menino de 1 ano e um mês, pega um padeiro e começa a tocar e a dançar. Aos poucos, algumas crianças começam igualmente a interagir com a bola. Todos na sala parecem divertir-se, adultos e crianças, enquanto a gestora, sempre atenta, permanece do lado de fora da “cerquinha”, observando a atividade.

A atividade se mantém assim pelos 15 minutos para os quais foi planejada. O professor deita, rola, faz movimentos que as crianças são capazes de reproduzir. Durante todo o tempo, ele apenas realiza os movimentos, sem que as crianças tenham a obrigatoriedade de repeti-los; algumas o fazem, outras riem, outras engatinham, outra toca padeiro. Ao final da aula, PC se despede e segue para o pátio, onde será realizada a atividade com o Maternal 1 (M1). Uma das contribuições das aulas de capoeira para crianças tão pequenas é a música, pois, segundo Zagonel (2012, p. 17),

O gesto corporal pode ser um elemento importante para a emissão do som. A partir dele é que se chega à música, sempre considerando a capacidade criativa e espontaneidade das pessoas, incitando à invenção sonora e gráfica por meio da expressão de seus gestos (ZAGONEL, 2012, p. 17).

Assim, as atividades realizadas através da prática da capoeira priorizam a espontaneidade. Considerando as capacidades prévias dos bebês, respeitando seu tempo e vontade, funcionaram, ao longo da aula, como elemento positivo que integrou a todos, respeitando a individualidade de cada um.

Aula de capoeira no Maternal 1 (M1)

Após o término da aula no B1, nos dirigimos ao pátio coberto, que fica localizado no centro da creche. É uma área ampla, cercada por bancos de cimento e um belo jardim interno. No seu piso, existem dois desenhos: um caracol, do lado esquerdo e uma amarelinha, do lado direito (tomando a entrada da creche como referência).

Às 08h00minh20min, passamos em frente à sala de aula do M1, e comunicamos às professoras que já estávamos nos dirigindo ao local da aula (o pátio coberto). Sentamo-nos numa das laterais do espaço do lado esquerdo; PC ligou o som e ficamos aguardando.

Perguntado pela gestora se precisaria de algo, PC solicitou colchonetes, os quais foram providenciados imediatamente. A turma chegou, então, formando um trenzinho, acompanhado por uma das professoras.

PC cumprimenta a todos: – “Bom dia”! As crianças respondem em coro: – “Bom dia”! Ele convida as crianças (num total de quinze, oito meninas e sete meninos) a tirar as sandálias e os tênis e a sentar-se. Em seguida, começa a fazer rolamentos no chão. Dirigindo-se a nós, PC informa: – “Esses movimentos são para sentir o que os alunos podem fazer”. Ele começa, então, a variar os movimentos: bicicleta, tesoura...e solicita às crianças que façam movimentos imitando um sapo, e, depois, um caranguejo.

Uma das alunas começa a imitar o movimento do caranguejo. A professora, que passaremos a chamar de “*Calliandra*” (aluna do Curso de Pedagogia, cursando o quarto período, 36 anos) e havia sentado ao nosso lado diz: – “Os irmão delas fazem [este movimento]”.

Perguntamos a Calliandra: – “Qual a idade das crianças dessa turma”? Ela de imediato responde: – “Se quiser posso chamar a professora ‘*Crisântemos*’, ela tem especialização” (referindo-se à outra professora da turma que não se fazia presente na hora da atividade).

Informamos que não é necessário, pois queremos apenas saber a idade das crianças. “Como professora” – continuamos – “você também está habilitada a responder qualquer pergunta, não se preocupe com a titulação, a escola é local privilegiado da nossa formação”. Lembramos, então, de uma fala de Nóvoa, em que ele afirma:

Não me ouvirão dizer que a investigação em educação, que o currículo e que a direção e administração das escolas não são importantes, mas ouvir-me-ão dizer que o que marca hoje a reflexão é o “regresso dos professores”, é a ideia de que nada substitui um bom professor, isto é, que um bom professor não é substituível nem pela investigação educacional, nem pelas coisas curriculares, nem pelas matrizes organizacionais (NÓVOA, 2011, *on-line*)⁶.

Diante do exposto, sentimo-nos confortáveis para afirmar que o bom professor faz a diferença em qualquer espaço em que atue. Se, por algum motivo, ainda não recebeu a oportunidade de obter a formação inicial exigida, mas que busca essa qualificação, como é o caso citado, não podemos desqualificar o seu trabalho pela falta do diploma, mas, sim, incentivá-lo a constantemente investir na continuidade de sua formação. Na sequência da conversa, *Calliandra* responde que todas as crianças da turma têm 3 anos de idade, diferenciando-se apenas por meses entre elas e que gosta muito de trabalhar com aquela turma.

⁶ Fala transcrita a partir de um seminário em vídeo no qual o professor Nóvoa profere palestra.

Aos poucos, as crianças começam a se espalhar pelo pátio, deixando o espaço dos colchonetes, mas atentas à atividade e imitando os movimentos dos pulos de um sapo /cocorinha/sapinho.⁷Uma aluna exclama: – “Já estou cansada”!

PC responde que ela pode descansar, se quiser. A menina se afasta um pouco do grupo e a aula continua com rolamentos, tesouras, saltos. Na sequência, ele solicita que as crianças façam uma fila do lado esquerdo do pátio, um por vez, bem próximo de onde estamos sentadas. Os alunos começam a imitar o pulo do sapo de novo. Como sabemos e o MEC ratifica:

Além dos valores éticos expressos na capoeira, a sociabilidade tem a ver com as formas de ensinar e aprender. Isso significa aprender a ouvir as histórias cantadas/cantadas que antecedem a roda de capoeira; observar como se joga, desde como se entra na roda, até como os movimentos são feitos (BRASIL, 2014, p. 95).

Através dessa interação adulto/criança e criança/criança durante uma atividade lúdica na qual se valoriza o outro, ou os “outros”, são vivenciados valores fundamentais para a construção de uma identidade de respeito às diferenças existentes em nossa sociedade.

A brincadeira continua, com as crianças já se dispersando e interagindo entre elas de forma espontânea. Toda a atividade é acompanhada também pela gestora. A aula encaminha-se para o encerramento. Quando a última criança da fila se posiciona onde foi solicitado, fazendo o movimento de sapinho, PC reúne todas e se despede. Juntamente com ele, *Calliandra* auxilia as crianças a fazer o trezinho e acompanha a turma, juntamente com a gestora, de volta à sala de aula. Retomamos o texto da **Base Nacional Comum Curricular** do MEC:

O Projeto Capoeira busca as contribuições dessa prática cultural nos processos de formação. Assim, o objetivo não é ensinar a criança pequena a jogar capoeira, embora essa atividade possa fazer parte do projeto. O interesse é, sobretudo, colaborar para que as crianças possam ampliar seus padrões de referência e de identidade no diálogo e no conhecimento da diversidade cultural e étnico-racial que compõe a sociedade brasileira, partindo das vivências éticas e estéticas com outras crianças e grupos culturais (BRASIL, 2014, p. 92).

Podemos, então, entender que com essa prática nas unidades de educação infantil não se busca apenas explorar a parte física, mas, sobretudo, problematizar o contexto no qual essa arte foi desenvolvida no país. Essa busca pela valorização do nosso patrimônio cultural se faz sempre necessária, desde a mais tenra idade, tendo em vista que, segundo Akkari e Santiago (2015, p. 30), a

⁷Movimento no qual se pratica a cocorinha juntamente com um movimento de Angola, cujo nome é *sapinho*. Fonte: Ramon Moreira (Professor de Capoeira Angola- Escola Mukambu, Campina Grande-PB).

“cultura escolar se encontra mais próxima das classes dominantes que das classes marginalizadas. Para exemplificar, destacamos a preferência à dança clássica em detrimento à capoeira [...]”.

Aula de capoeira na Pré-escola (P1)

A gestora retorna ao pátio acompanhada da turma da Pré-escola 1. Nesse dia, estão presentes 16 crianças, oito meninos e oito meninas, de 4 anos de idade. PC as cumprimenta e solicita que todas tirem as sandálias e os sapatos. Uma das alunas senta-se próximo a mim e diz à professora, que passaremos a chamar de “*Helicônia*” (pedagoga, 53 anos, professora da sala de leitura que substitui a regente na ocasião): – “Não vou fazer não, não sei fazer”!

Helicônia a incentiva a participar, mas ela resiste e a professora acata sua decisão. Embora, nesse momento, a menina não participe junto com as demais crianças, observa a aula atentamente, enquanto o professor convida os alunos a fazer movimentos que imitam os animais: sapo, leão, caranguejo, girafa, cobra e caranguejo. Um dos alunos, ao fazer o movimento que imita o Leão/Rolê⁸, acrescenta: – “É a onça pintada”! A criança, desta forma, faz uma ligação entre o movimento e o seu conhecimento prévio sobre os animais da fauna nacional.

A aluna que não quis participar da atividade ri, observando os movimentos realizados durante a aula. Aponta para o nosso diário de campo e indaga: – “Tudo isso?”, referindo-se às anotações que eu estava fazendo. Nesse momento, um choro nos chama a atenção: um aluno machuca a mão levemente. PC, *Helicônia* e a gestora seguem em seu auxílio. A gestora o leva até a pia e lava o pequeno machucado. Ele logo retorna à aula e recomeça a participar ativamente.

A aula segue com os movimentos imitando os animais solicitados pelo professor. Um dos alunos indaga: – “O que é capoeira”? Outro logo responde: – “É dá mortal”! Ainda um outro questiona: – “Vamos deixar de imitar os animais quando e quando vamos fazer capoeira”? PC responde: – “Muitos movimentos da capoeira foram criados inspirados nos movimentos dos animais”. Ele solicita, em seguida, que as crianças façam um movimento imitando a girafa. Um aluno acrescenta: – “A girafa tem o pescoço grande que é para comer as folhas”.

PC faz um novo convite às crianças: – “Vamos contar até três e cantar a música do sapo!”, referindo-se à cantiga de domínio público “O sapo não lava o pé”. Uma das crianças acrescenta: – “O sapo mora na lagoa”.

⁸**Rolê**–Movimento da capoeira em que o capoeirista desce na negativa, fazendo uma volta de 360° graus para o lado, em que a perna está esticada, retornando a posição de ginga. **Ginga** - Balanço do corpo de um lado para outro, ritmado, que exprime cadência no jogo da capoeira (fonte: Dicionário de Capoeira)

*O sapo não lava o pé
Não lava porque não quer
Ele mora lá na lagoa
Não lava o pé porque não quer*

(Fonte: Domínio Público)

É importante salientar que a musicalidade está sempre presente na capoeira. O **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI)** destaca a importância da musicalização desde os primeiros anos de vida:

Essas questões devem ser consideradas ao se pensar na aprendizagem, pois o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida é importante ponto de partida para o processo de musicalização. Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos¹¹ etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados (BRASIL, 1998, p. 48).

A aluna que não quis participar da aula continua atenta à nossa escrita e pergunta: – “Tia, qual o teu nome?” Respondemos prontamente. Ela continua: – “Titia, tu faz rápido, não é?”, referindo-se à forma como escrevemos, respondemos que sim. Aos poucos, a aluna começa a reproduzir os movimentos que vê e, chamando a minha atenção, fala: – “Titia, olha isso, olha meu pé!”, reproduzindo um dos movimentos que PC havia ensinado.

O aparelho de som ligado continua a reproduzir as músicas de capoeira Angola do Contramestre Barata. PC convida os alunos a fazer uma roda. Solicita que todos soltem a mãos e fala: – “O nome desse movimento é *ginga*, vamos gingar”. A aula segue. Três crianças se dispersam do grupo e começam a brincar fora da roda.

São 0900h20min e o final da aula se aproxima. PC propõe uma brincadeira que ele chama de “Toca quilombo”.

Toca Quilombo

Como funciona: os participantes, em círculo, se dão as mãos. O objetivo é não deixar que o coleguinha que está no centro da roda fuja. Toda vez que o participante que está no meio na roda tenta fugir, os demais que formam o círculo se abaixam de mãos dadas e tentam impedir a saída do colega. PC realiza a brincadeira de forma que todas as crianças participassem no centro da roda. Ao

final dessa atividade, o professor se despede, solicitando às crianças que coloquem os sapatos. A aula chega ao fim. *Helicônia* e a gestora formam um trenzinho com as crianças e as conduzem à sala de aula.

A realização de uma atividade tão rica possibilita às crianças, de forma lúdica e prazerosa, importantes vivências que contribuem com sua formação:

O Projeto capoeira possibilitará explorar as possibilidades de gestos, movimentos e expressões corporais das crianças de educação infantil. Reconhecer o próprio corpo é o primeiro passo na construção de um esquema corporal que colabore para situar a criança no mundo (BRASIL, 2014, p. 93).

A cultura humana se faz através das várias formas de expressão, entre elas o movimento. Quando esses movimentos trazem em si uma representação de um povo, buscando a sua valorização num contexto histórico e cultural que por séculos o marginalizou, torna-se algo extremamente importante e significativo para o fazer pedagógico.

Considerações finais

Cultura, diversidade étnico-racial, movimento, música entre outras, entre os Direitos de Aprendizagem e desenvolvimentos das crianças de educação a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, tendo como eixos cinco campos de experiência 1. O eu, o outro e o nós; 2. Corpo, gestos e movimentos; 3. Traços, sons, cores e imagens; 4. Escuta, fala, linguagem e pensamento; 5. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. (BNCC, 2016, p. 45), a capoeira pode atender a todos esses campos de experiência, mas considera-se necessário a construção de planos de aula e/ou sequências didáticas interativas que proporcionem atividades que possibilitem a exploração da cultura presente nessa arte, que já a capoeira tem sua origem fortemente marcar na luta e resistência do povo Negro contra o sistema escravista que se fez presente no nosso país por quase 400 anos.

Para tanto, a etnografia vem nos auxiliar na observação e registro das atividades propostas, para assim podermos trazer, quando necessário, contribuições que venham a somar a prática cultural e pedagógica, não para apontar possíveis “erros”, mas para consolidar um espaço de colaboração entre o espaço escolar e a pesquisa etnográfica.

Após as análises realizadas durante o trabalho de campo, e do estudo etnográfico realizado, propomos a construção de uma sequência didática interativa a ser construída com professores de capoeira, professores regentes e crianças, para poder partir das vivências que os alunos já trazem,

partindo inicialmente da discussão com as crianças, fazendo uma sondagem do que elas sabem sobre a temática, assim como propor pesquisas e fazer questionamentos que possam nos dar subsídios para assim construirmos juntos o plano de aula/sequência didática.

REFERÊNCIAS

AKKARI, Abdeljalil ; SANTIAGO, Mylene Cristina. **Diferenças na Educação: Do preconceito ao reconhecimento.** Revista Teias v. 16 , n. 40 , p. 28-41, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Proposta Preliminar. Segunda versão revista. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Historia da cultura africana e afro-brasileira na educação infantil.** Brasília: MEC/SEDADI, UFSCar, 2014.144p. il.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.il.

DICIONÁRIO DE CAPOEIRA. Disponível em: <http://www.arteculturacapoeira.com.br/site/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=57&Itemid=85>. Acesso em: 05 ago. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GRUPO NZINJA DE CAPOEIRA ANGOLA. **Capoeira Angola.** Disponível em: <http://nzinga.org.br/pt-br/capoeira_angola>. Acesso em: 08 ago. 2016.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências.** Tradução de Sandra Trabucco Valenza. São Paulo: Cortez, 2009.

MATTOS, C. L. G. de.; CASTRO, P. A. de. **Etnografia e Educação: conceitos e usos.** Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011.

NATUREZA BELA. **Algumas flores encontradas no Nordeste.** Disponível em: <<http://belezadacaatinga.blogspot.com.br/2012/01/algumas-flores-encontradas-no-nordeste.html>>. Acesso em: 08 ago. 2016.

NÓVOA, A. **Fala dos diferentes olhares lançados sobre a escola.** 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/video.php?v=779445238812511>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

SILVA. G. de O.; HEINE, V. **Capoeira, um instrumento para a cidadania.** São Paulo: Phorte, 2008.



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016
LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB



ZAGONEL, B. **Brincando com música na sala de aula: jogos de criança musical usando a voz, corpo e o movimento.** São Paulo: Saraiva, 2012.



